

BOLETIM

ANO XXII - Nº 3 - BOLETIM DA ESCOLA WALDORF ANABÁ – MICAEL – 2012



POESIA DE MICAEL

*Com clareza no pensar
Posso enfim iluminar
Aquilo que em minha alma
No escuro se ocultou.
E que coragem há que ter
Ao então reconhecer
Que o dragão ali criado
Somente por mim pode ser transformado.*

Elisa Manzano



ÉPOCA DE MICAEL

Desde o século IX se festeja o dia 29 de setembro como o dia de São Micael e os festejos seguem por mais quatro semanas. Micael tem uma tarefa muito especial que é impulsionar a humanidade para que reconheça o espiritual como sendo realidade e o vivencie, passo a passo, para que então o espiritual se torne atuante nas ações.

O modo como realmente deve ser uma Festa de Micael para a humanidade, ainda é uma tarefa a ser realizada no futuro. Mesmo assim, podemos tentar encontrar um meio e, com toda humildade, esforçar-nos para despertar nas crianças uma ideia sutil de Micael. Não será difícil achar uma apresentação adequada para a mesa ou o cantinho de festas, pois há inúmeras delas. Uma imagem aproximadamente completa da entidade e da atuação de Micael, nos poderá ser dada somente por uma visão conjunta de várias imagens com os mais variados aspectos deste ser. Vejamos alguns.

Ilustrações: Muitas ilustrações trazem Micael lutando contra o dragão, que quase sempre representa o diabo. Micael (que significa: Quem é como Deus?) é um ajudante incentivador e encorajador do homem em sua disputa com o mal, com as forças antagônicas. Em todas as boas representações pode-se ver que o dragão de baixo de seus pés não está morto, mas com a força descomunal vencida, subjugada. Assim, Micael ajuda aos homens e lhes consegue dar espaço para uma atividade própria, porque conseguiu impor limites à força descomunal do maligno.

Outro motivo básico que se pode encontrar é Micael segurando uma balança. Assim é que ele aparece em representações do juízo final ou em cenas que caracterizam a vida após a morte. O bem e o mal são pesados conjuntamente, e a alma humana vivencia então como doloroso aquilo que, pelo seu atuar, pesou no lado mau, e como bem-aventurança o que pode ser pesado no lado bom.

Micael representado com um globo terrestre transparente, que muitas vezes traz um símbolo crístico, no centro, mostra-nos sua prontidão e atuação para formar um mundo novo (na Bíblia em Apocalipse de São João, 21): A construção de uma Jerusalém celestial. Mais raras são as representações de Micael sob a cruz do Gólgata, ou Micael como acompanhante de pessoas falecidas, ou como guardião nos portais de igrejas. Um sem número de imagens o mostra como atuando em lendas. Nestas,

conta-se como sua atuação foi uma ajuda em destinos humanos isolados. (A palavra lenda = legenda, tem origem no latim e significa ler, interpretar. Logo uma lenda deve ser lida com a compreensão adequada para ser entendida corretamente).

Mesa de festas: deve-se escolher a representação mais adequada e, quando as crianças tiverem crescido, se poderá variá-la, para que cada atuação de Micael tenha a sua vez de estar em evidência.

Micael está numa soleira, num limiar, e indica aos homens a outra vida, diversa, resultante do espírito. Um ramo de folhas coloridas do outono e outro de bagos ou frutinhas silvestres refletem um pouco deste ambiente, desta atmosfera.

O pão de Micael: Com tudo o que faz, Micael nos quer aproximar da compreensão daquilo que o Cristo fez e sempre faz por nós. Se colocarmos, no cantinho das festas, as dádivas da natureza, teremos feito, de um modo sutil, uma relação com os profundos mistérios do Cristianismo. Em diferentes partes da Europa, conhece-se o pão ou o bolo de São Micael. Este uso pode ser retomado e, no dia, haverá então na mesa de festas uma cesta de pãezinhos (levemente adocicados e com uva-passa) na feitura dos quais, logicamente, as crianças participaram.

A balança: Há poucas tradições para esta época. Mas, para que as crianças participem atuando nos preparativos e demonstrem sua boa vontade (o que é o ponto importante e essencial desta época) pode-se fazer o seguinte: Na manhã do dia festivo, em cima da mesa de festas, encontra-se uma balança de dois pratos (pode ser feita facilmente com material simples de encontrar). Um prato se acha bem baixo, pesado, com uma pedra escura, escurecida ou tingida. A criança deve ajudar então, diariamente, São Micael e poderá colocar no outro prato uma pedrinha que tenha encontrado no jardim ou em passeios. Pedra que deverá ser bem clara, talvez com um desenho especial ou de formato distinto; ou a criança transforma uma pedrinha simples em uma “preciosa”, enfeitando-a com pedacinhos de massa de cera de abelha. À noite, quando já passou o dia com suas vivências, chega o momento adequado para a pequena cerimônia da pesagem. A criança vivencia então como, diariamente, o prato do lado bom vai ficando cada vez mais pesado, chegando ao equilíbrio e finalmente alcançando o vitorioso peso maior. Também, numa ocasião propícia, pode-se contar à criança que nada se perde, nem o mínimo ato bom, por menor que seja, e que passou

despercebido de todos, pois nos mundos celestiais ele é recebido com muita alegria e fortalece a força do bem no mundo. Na noite após a época festiva (sábado após o quarto domingo), os dois pratos devem ser esvaziados e as pedrinhas devem desaparecer. Não são guardadas e, sim, procuradas cada ano novamente, para que adquira sentido o que a criança faz. Com isto, as quatro semanas de festas micasélicas não são vivenciadas como se perdessem suas forças; pelo contrário, neste pequeno exercício se perceberá uma força crescente.

Empinar um papagaio: É uma tradição muito propícia para esta época. As crianças maiores terão alegria em empinar papagaios feitos por elas próprias com os pais. É uma vivência infantil muito especial ter o controle, em sua mão, do papagaio que flutua tão alto lá em cima - e também de poder trazê-lo de volta para baixo! É um símbolo que fala por si.

O dragão sob os pés: Talvez se possa achar uma raiz de forma bizarra. Com a ajuda de cera de abelha colorida para modelagem e um pouco de fantasia (imaginação) poderá surgir um dragão de talvez até várias cabeças. Em cima dele ficará de pé o arcanjo Micael, também modelado pela mesma cera. Toda família poderá moldar estas formas e será uma vivência muito importante para a criança. Na mesa de festas, fica o local de colocar a imagem trabalhada em conjunto.

Dramatizações: Quando se reúnem crianças nesta época, ficará fácil dramatizar pequenas lendas e histórias com roupas adequadas, facilmente encontradas. Após ouvirem a história, as crianças são vestidas, combina-se em poucas palavras o transcorrer da peça, e ela pode começar. Às vezes, é aconselhável tomar somente cenas ou acontecimentos curtos, isolados e relatar a história nos intervalos. Como as crianças se identificam e assumem facilmente sua personagem, estas brincadeiras podem ser usadas nesta época, através da escolha de histórias próprias, para fortalecerem o impulso específico da época: fazer o bom e o bem corajosamente e igualmente trazer absolvição e libertação para o mundo.

(Livro "Festejando as festas anuais com crianças" (pg 78-84) Stuttgart. v. Brigitte Barz)



CO-CRIANDO ESCOLAS EM PARCERIA

Walkyria Machado

Quando minha filha mais nova estava no quarto ano, eu decidi transferi-la para a escola Rudolf Steiner de Nova York. Eu estava então no último ano da minha formação e mestrado em Administração de Escolas Waldorf e Desenvolvimento de Comunidades na Faculdade de Sunbridge, no estado de Nova York. Cinco meses depois, minha filha me olhou nos olhos e, com o seu jeito sempre inquisitivo, para não dizer questionador, disse-me que deveria ter vindo para aquela escola desde o começo. Ela disse: “Eu achei minha escola, mãe.” O que eu não sabia é que também estava encontrando “minha escola” e que em meu caminho surgiria a pequena Escola Waldorf do Brooklyn, então um impulso carregado por um pequeno grupo de pais e professores.

Assim como a maioria dos pais Waldorf, eu caminhei no primeiro dia de escola lado a lado com minha filha. Meu coração cheio de expectativas de que a vida escolar de minha pequena seria mais interessante, excitante, criativa e orientada para um futuro aberto, cheio de possibilidades. Como as minhas outras três filhas tinham ido para excelentes escolas públicas e universidade de renome, minha experiência em suas escolas tinha sido extremamente positiva. Eu tinha sido vice-presidente e presidente de suas associações de pais por quase uma década e membro do Time de Liderança da Escola (SLT) por seis anos. Esse Time era composto de pais, professores e administradores. Eu tinha, portanto, não somente bastante experiência em escolas, como também a prática de parceira, ajudando a co-criar essas escolas.

Nossa entrada na escola Waldorf, no entanto, tinha uma nova qualidade. No carro, a caminho da escola, a pequena Elizabeth me perguntou por que eu parecia tão nervosa. Eu pensei um pouco e repliquei: “Eu tenho a impressão de que nossa entrada nessa escola significa que eu tenho que me tornar uma mãe melhor do que eu tenho sido.” Na sua forma sempre genuína, ela não hesitou e simplesmente disse: “Você pode, mãe.”

E assim nós começamos a nossa jornada Waldorf, a qual culminou apenas três dias atrás numa tocante cerimônia de graduação. Ao olhar para a

classe, professores e pais com os quais tanto compartilhamos, recordações dos dias marcados pelo novo começo passaram pela minha mente. Vi que tinha sido recebida com calor e que logo no começo fui convidada a me tornar um membro da comunidade. Não só participou nisso a professora de sala como também a escola inteira. Pra começar a professora de classe me colocou em contato com uma outra mãe da sala, também latina, a qual tinha sido designada para me aclimatar com a escola. Na primeira reunião de sala, ela nos apresentou para todos os pais e anunciou nossa chegada no jornal da escola. A escola também nos acolheu com uma recepção para novos pais. Nessa recepção, os membros da diretoria, da mantenedora, os membros do conselho e da associação de pais explicaram como poderíamos participar da vida da comunidade e o que a escola precisava e queria desenvolver no futuro.

Ao entrar na escola, como uma Nova Mãe comecei meu caminho de me tornar uma parceira da Escola Rudolf Steiner de Nova York. Eu já havia trilhado esse caminho nas três escolas que minhas filhas frequentaram. Tal caminho me levou a publicar minha tese sobre o processo de desenvolvimento de parceiras em escolas, o qual chamei de “Co-criando Escolas em Parceria” ou simplesmente “Parceria Criativa”. Foi somente quando entramos na escola Waldorf, no entanto, que pude ver a real expressão desse trabalho de parceria, baseado num impulso espiritual consciente e adequado para as crianças de nossos tempos.

Durante o meu primeiro ano na escola, eu observei atentamente como tudo funcionava, como eu me relacionava com a comunidade e como minha filha estava aprendendo e se desenvolvendo. Experiente como parceira das escolas anteriores, eu usei o modelo de parceria criativa para analisar a escola e desenvolver meu relacionamento com a mesma. Olhando para trás vejo que, mesmo tendo 10 anos de experiência como liderança em escolas e tendo o treinamento em administração Waldorf e formação Waldorf de professora de trabalhos manuais, eu tive que passar por todas as fases de desenvolvimento de parcerias da mesma maneira que todos os outros pais o fizeram.

Assim, vi com renovada clareza que, em instituições educacionais, a vida social, econômica e espiritual/cultural se entrelaçam de tal forma que as

escolas se tornam organizações vivas que aprendem e se desenvolvem ao longo do tempo. Essas organizações passam por fases de desenvolvimento e são transformadas na medida em que os indivíduos que estão nelas envolvidos aprendem e mudam. Para que as escolas Waldorf cumpram plenamente sua missão social, os adultos ligados a elas também precisam ser engajados na experiência de aprendizagem e crescimento interior. No meu caso, essa mãe acolhedora me ajudou a encontrar respostas para muitas das minhas perguntas típicas de novos pais.

Ainda durante o meu primeiro mês na escola, uma outra mãe do quinto ano se apresentou a mim na escadaria e me convidou para participar da oficina de bonecas para a Feira de Outono (versão americana do bazar.) Nessa oficina comecei a encontrar outros pais e a desenvolver amizades que continuaram nos anos posteriores. Com esse amigável e caloroso começo, eu me senti encorajada a participar da feira e, não só fiz minha primeira boneca, como também participei da construção de um salão especial, chamado Floresta Encantada. Nesse salão as *Root Children*, bonitas figuras feitas de lã natural, cujas cores vibrantes vinham de tintura de plantas, conduziam-nos pelas estações do ano. As pequenas criaturas e o cenário de feltro foram feitos pelos pais da minha sala (quinto ano) sob instruções de uma das mães. Pela primeira vez, eu toquei numa lã natural pura e me encantei. A sensação da lã permaneceu nas minhas mãos por dias. Fiquei profundamente interessada em trabalhos manuais e, apesar de sofrer de falta de talento artístico e de ter um daltonismo parcial, eu decidi fazer o curso de professora Waldorf de artes aplicadas. Coincidentemente, a mãe que coordenou os trabalhos da Floresta Encantada era a minha “calorosa parceira de conversa” e veio a se tornar uma amiga e mais tarde minha colega no curso de formação de professores de artes manuais. Hoje ela ensina artes manuais na escola Waldorf de Brooklyn e no curso de formação de professores de artes manuais.

A história dessa minha colega ilustra um dos resultados mais comuns do desenvolvimento de parcerias em escolas. Minhas observações e pesquisas indicam que um dos mais fortes fatores para o sucesso no modelo de parcerias criativas é quando os pais, professores e escola vivenciam o auto-desenvolvimento e crescimento. De forma que uma expressão

significativa desse sucesso é a constância na qual pais e professores se envolvem em um processo de aprendizagem, o qual é condição essencial para que os pais passem de "consumidores" de um currículo para se tornarem cocriadores baseados no entendimento do desenvolvimento humano abarcado pela escola.

Nas escolas Waldorf os professores são eternos aprendizes e pesquisadores que intencionalmente tomam um caminho de meditação e desenvolvimento interior para atender às crianças e crescer como profissionais e como seres humanos. Eles buscam parcerias com os pais, que são essencialmente impulsionados pelas necessidades de seus filhos, fazendo com que os pais também enveredem em um caminho de desenvolvimento para alcançarem o mesmo objetivo. A Parceria Criativa requer um maior envolvimento de todos. Para criar essa forma de parceria, escolas precisam ir além das necessidades das crianças para também atender às necessidades de conhecimento e melhoria dos adultos. Por este motivo, dois dos melhores indicadores de uma parceria de sucesso são o entusiasmo e o intenso interesse dos pais pela escola e as mudanças perceptíveis em suas vidas. No meu caso e de minha colega, fomos fazer a formação de professor Waldorf de trabalhos manuais e passamos a trabalhar em escolas Waldorf.

Os 7 estágios

Mais cedo ou mais tarde todos os povos do mundo terão de descobrir uma maneira de viver juntos em paz e, assim, transformar esta elegia cósmica inacabada em um salmo criativo de fraternidade. Se isso é alcançado, o homem deve evoluir para todos os conflitos humanos de um método que rejeita a agressão, vingança e retaliação. O fundamento de tal método é o amor.

Martin Luther King Jr

Ao olharmos para a sociedade e profundamente sentirmos e observarmos o seu pulso, perceberemos um "organismo vivo" que está incessantemente conectando indivíduos com a natureza, consigo mesmo e com outros seres humanos. Em nosso corpo, existem 7 processos vitais que

sustentam a vida, cada um com suas próprias tarefas, respirando, aquecendo, nutrindo, segregando, mantendo, crescendo e reproduzindo, os quais harmoniosamente trabalham não só para tornar a vida possível, mas também para tornar o desenvolvimento humano atingível . Através da incorporação na alma desses processos vitais, aprender torna-se uma realidade na idade adulta, pois os 7 processos vitais transformam-se em 7 processos de aprendizagem (percebendo, relacionando, assimilando, individualizando, praticando, crescendo faculdades, e criando algo novo.)

Há ainda um terceiro tipo de processo, o qual sustenta a vida social. Enquanto os 7 processos vitais mantêm a nossa relação com nosso corpo e o cosmos, os 7 processos de aprendizagem sustentam a nossa relação com nós mesmos e nosso espírito. Então, o que sustenta a nossa relação com outros seres humanos? O que sustenta a estrutura relacional de vida? Eu diria que, quando em serviço à coletividade, a sabedoria dos 7 processos vitais se torna processo social. Quando incorporados à alma, esses processos atuam no aprendizado que, quando espiritualizados, trazem significado para o encontro humano. Desta forma, os processos sociais, ou seja, encontrando, atendendo (com Interesse), fomentando, reconhecendo, dando continuidade, expandindo, e criando novas formas sociais, harmonizam a teia do destino referida por Martin Luther King Jr.

... continua na próxima edição



A HISTÓRIA DO IPÊ AMARELO

Era uma vez um jardim repleto de árvores, arbustos, um lindo gramado e muitos bichinhos. Certo dia, teve início nesse jardim um grande alvoroço: os bichinhos começaram a anunciar que em breve chegaria a primavera. Passarinhos compunham novas melodias, borboletas coloriam suas asas e minhoquinhas trabalhavam sem parar para deixar a terra bem fofinha.

Quem mais trabalhava nessa época eram as árvores e as outras plantinhas. A amoreira, já cheia de frutinhas verdes, se esforçava para fazer suas amoras bem madurinhas para oferecer às crianças no dia da grande festa de primavera. A jabuticabeira tecia seu vestido de flores branquinhas, parecendo uma noiva. E a azaleia, que tinha muitas irmãzinhas espalhadas pelo jardim, mesmo não sendo muito grande, se enfeitava com flores cor-de-rosa e esperava toda prosa que o grande dia chegasse. E as plantas, vocês sabem, conversam também:

— Ah, é tão lindo quando as crianças vêm dançar no nosso jardim!, diziam as irmãs azaleias em coro.

E quando elas colhem as minhas amorinhas tão docinhas, ficam tão felizes!, dizia a amoreira.

E as borboletas quem vêm beber do néctar das minhas flores, fazem até cosquinhas!, ria a jabuticabeira.

Mas havia nesse jardim uma arvorezinha magrinha e solitária. Quase não tinha folhas, não tinha flores e nem frutos. Ela nunca falava nada e ninguém sabia sequer o seu nome.

Mas ela a tudo observava e um dia, vendo a alegria dos preparativos para a festa, criou coragem e falou:

— Olá, queridas amigas! Estou gostando muito dessa animação toda. Será que... eu posso fazer parte da festa também?

A amoreira olhou surpresa para a jabuticabeira. A jabuticabeira olhou para as azaleias. E todas riram:

— Mas você é tão magrinha, tão quietinha, tão... sem graça.

Não tem frutos, não tem flores. Nem folhas você tem. Acho que não vai poder nem entrar na festa.

É, não tem lugar para você na festa da primavera.

A arvorezinha murchou. Entristeceu. A única folhinha que ela ainda tinha caiu como se fosse uma lágrima no chão. Durante muitos dias ela chorou.

Chorou tanto que nem percebeu quando o jardineiro veio até ela e colocou adubo e terra nova, fofinha e úmida sobre suas raízes.

Mas lá no céu, sentado em sua nuvem branquinha, um anjo ouviu o choro da arvorezinha. Ele já sabia porque ela estava tão triste. E então com seu coração cheio de bondade foi pedir ajuda ao Sol.

— Querido Sol, há lá na Terra uma árvore muito triste porque não pode entrar na festa da primavera. O que posso fazer para ajudá-la?

E então o Sol, com toda a sua grandeza, ofereceu ao anjo seus mais delicados e reluzentes raios de luz.

— Obrigada, querido Sol!, disse o anjo.

O anjo desceu à Terra bem cedinho, antes do amanhecer. Todos ainda dormiam, até mesmo a arvorezinha chorosa. Com muito cuidado, o anjo então pendurou os raiozinhos de sol em cada um dos galhinhos da arvorezinha e depois voltou para o céu.

Pouco tempo depois, ao amanhecer, os passarinhos começaram a cantar para acordar o jardim, pois havia chegado o dia da grande festa. E cada um que acordava, se maravilhava com a surpresa: a arvorezinha estava lindamente coberta de flores amarelas como o Sol!

Naquele dia vieram as crianças, fizeram uma grande roda e cantaram suaves melodias. A festa da primavera foi linda e colorida para todos. E aquele foi o dia mais feliz da vida da árvore de Sol.

*Texto de: Mônica Alterthum
Contribuição: Silvia Jensen*



UMA HORTA QUE DÁ MUITO MAIS FRUTOS DO QUE SE PODE VER

Quando chegamos com uma classe ao terceiro ano surgem grandes preocupações. A idade das crianças que começam a chegar aos nove anos é uma delas. O que fazer para ocupar esses pequenos e ajudá-los a passar por mais essa etapa da vida que pulsa com tanta energia.

O currículo da Escola Waldorf traz um cardápio variado e que alimenta esse momento. Noções Práticas da Vida! O que queremos mesmo dizer com isso? O que é necessário apresentar agora?

A criança que coloca seus pés na terra e tem finalmente um ponto a partir do qual passará a ver o mundo, “o seu próprio ponto de vista” precisa saber como se sobrevive neste mundo e o primeiro que o homem precisa é alimentar-se. Para isso, ou sai em busca do que a natureza oferece, ou cultiva aquilo que precisa. Encontrar um pedaço de terra e transformá-lo em uma horta, onde possamos produzir alimentos, está cada vez mais difícil. A decisão de utilizar mais tempo que o usual para essa atividade careceu de muita reflexão. Quanto se perde com menos tempo em sala de aula? Quanto se ganha realmente com um trabalho mais intenso na terra? Tudo o que é novo precisa ser feito uma vez para saber se funciona. Estamos fazendo.

Todas as segundas e quintas feiras os alunos do terceiro ano iniciam suas aulas na quadra da escola nova e seguimos caminhando até um espaço que fica atrás das salas de jardim no alto do terreno novo. Nas primeiras vezes fomos carregando enxadas, picaretas, pás, baldes de composto, regadores, enfim todo o necessário para trabalhar na terra. Agora já conseguimos um espaço lá perto para guardar tudo.

O terreno, em parte já havia sido trabalhado por outras turmas, mas resolvemos ampliá-lo. Muitas pedras compunham a paisagem e precisaram ser removidas para que pudéssemos construir canteiros. A alegria de conseguir escavar e remover as pedras encontradas aparecia no brilho dos olhos e nos gritos de satisfação ao vencer cada um dos obstáculos. As pedras empilhadas transformaram-se em um pequeno muro de contenção. Mais um motivo de satisfação.

Um pouco mais acima, novo desafio: abrir espaço para a plantação do trigo. Um lindo momento de inauguração e de plantio do trigo aconteceu

com a aplicação de preparados biodinâmicos, dinamizado pelas próprias crianças e seus pais. Neste dia foi colocada a placa com o nome escolhido por eles e fixados os dois espantalhos: Chico da Palhinha e Chica Chicória.

Mudas e sementes foram compondo os canteiros que surgiam novos a cada dia, até que cobrimos toda a terra disponível e iniciamos as colheitas.

As crianças que trabalharam e suaram para limpar a terra e deixá-la produtiva, começaram a ver com alegria os frutos desse trabalho e mais que isso: puderam provar o sabor desses frutos.

Alguns, já bem acostumados querem comer frutos e folhas tal como saem da terra; outros, bastante resistentes, quando conseguem dar-se o direito de provar, na maioria das vezes chegam à conclusão de que tirado da horta é muito mais gostoso e que esse sim dá para comer. Claro que se pudéssemos colher todo o nosso alimento dessa maneira, ele teria um sabor muito diferente e nossas crianças, trabalhando junto na terra, aprenderiam a comer de tudo e saborear o fruto do seu esforço.

Isso, no entanto, não é único ponto positivo desse trabalho. Que frutos são estes que não se pode ver? Todos sabem que em cada classe temos crianças com maior ou menor dificuldade, tanto em comportamento como em desenvolvimento motor ou aquisição de conhecimento. O resultado visível e comprovável de uma atividade dessa natureza aparece, de maneira geral, na melhoria da capacidade de concentração, no desenvolvimento da relação com o outro e na confiança em si mesmo. Crianças que no ano passado não conseguiam falar olhando nos olhos, relatar um fato de maneira clara ou responder pequenas questões, agora estão alertas e presentes. Hoje conseguem não só expressar como defender as próprias idéias e até brigar por elas, o que às vezes pode tornar-se uma nova dificuldade para o professor, mas afinal que sentido teria o nosso trabalho se a cada ano não fôssemos presenteados com novos desafios? São eles que nos mantém entusiasmados com a tarefa pedagógica.

Beatriz Camorlinga – professora de classe 3º ano



..... **O ESPAÇO É DELES**

A VISITA À HORTA DO GRÃO DOURADO

Numa bela manhã de agosto a turma do segundo ano visitou a horta do terceiro ano. Fomos muito bem recebidos e a turma se organizou em grupos para nos explicar os passos que deram até chegar ao belíssimo resultado que tem hoje.

Eis os relatos dos alunos:

Coisas que eu vi na horta:

Eu vi milho e trigo e outras coisas e também vi os espantalhos uma se chamava Chica Chicória e outro Chico da Palhinha

Georgia

Eu gostei das cenouras do terceiro ano. Eu também gostei dos feijões.

Pedro Machado

Nós vimos a horta e experimentamos cebolinha e a hortelã. Também vimos o milho e o trigo e as crianças explicaram como tiraram as pedras.

Diego

Lá na horta tinha girassol, rúcula, alface, milho, tomate, couve, salsinha e manjeriço.

Serena

O João Pedro estava nos explicando como funciona a horta. Ele é do terceiro ano. Na horta eu vi cebola, tomate, alface, trigo e milho. O Alex estava pegando a terra. A classe passeou na horta.

Pedro Silva

A horta do terceiro ano é bem cuidada, porque eles trabalharam muito e com carinho. As verduras estão bonitas e viçosas. Nós vimos canteiros de girassol e milho.

Também tomate, beterraba e muito mais.

Laura Prade

Eu adorei a horta. Eu adorei saber que eles comem os legumes. E lá tinha um belo casal de espantalhos: Chico da Palhinha e Chica Chicória.

Paula

Quando fomos para a horta eu vi uma joaninha. Eu também acho que todas as plantas são especiais. Vi alface, vi milho e também vi cenoura. Quando o terceiro ano chegou lá na horta e começaram a trabalhar, fizeram os espantalhos.

Clara

Fomos na horta do terceiro ano. Eles nos explicaram como se cuida dos vegetais e tudo parecia muito saboroso e vimos dois espantalhos e eu gostei muito mesmo.

Cecília

Eu gostei, mas gostei mesmo foi daquele milharal, com aquele espantalho, e também gostei do trigo. Eu gostei dos girassóis.

Aurora

A horta do terceiro ano é muito cuidada. Tem cebola, milho, alface e até muito trigo. É a melhor horta que eu já vi. Vi muitos amigos que tem horta mas comparando a essa nem se compara, tem milho e cebola.

Santiago

Eu vi lá na horta girassol, manjeriço, salsinha, milho, rúcula, alface e tomate.

Laura Margarita

A horta do terceiro ano é muito bonita e cheia de cores diferentes e o segundo ano aprendeu que não pode colocar muita água na planta e também pouca água não pode.

É bom colocar adubo e que bom que o segundo ano ajuda no adubo.

Manuela

O terceiro ano falou que no começo havia muita pedra e também muito mato alto. Falaram como cuidaram da horta, regando, colocando composto e nas raízes das plantas puseram cascas de ovos.

Sofia

A horta do terceiro ano tem trigo e salsinha, couve e cebolinha.

A horta do terceiro ano tem dois espantalhos feito de galhos.

A horta do terceiro ano não tem pimenta

Mas tem menta e milho para uma bela polenta.

Francisco

Eu adorei a horta que eu vi. Gostei do trigo e da cebola. Eu adorei.

Maria Eduarda

Nossa turma foi até o Jardim Novo visitar a horta do terceiro ano. Lá encontramos muitas hortaliças e tinha cenoura, alface, trigo, couve, salsinha e outros. Na horta tinha um casal bem bonito de espantalhos. As crianças cuidam bem da horta.

Yasmim

Eu fui na horta do terceiro ano e eles nos contaram que tiraram o mato e as pedras. Araram a terra e plantaram trigo.

Pablo Bueno

A gente viu dois espantalhos, plantas e flores. Foi muito legal. Vimos também alfaces.

Carolina

O que o terceiro ano explicou sobre a horta: no começo eles tiraram o mato com paus e com as próprias mãos e depois tiraram as pedras que rolaram no chão e não conseguiram tirar tudo num dia só e depois no outro dia eles começaram a mexer com a enxada e terminaram de tirar o mato e afofaram a terra e finalmente plantaram cenoura, trigo, milho, alface e tudo mais.

Arthur

Eu vi uma plantação de cebolinhas, eu vi milho, plantação de alface e eu vi dois espantalhos.

João Paulo

Lá na horta eu vi muitas cenouras, milho, rúcula, girassol, trigo e alface.

A turma do terceiro ano estava trabalhando na horta durante a nossa visita. Eu gostei muito da Horta do Grão Dourado.

Rafael

Eu vi dois trigos que já estavam dourando e muito mato verde. Lá tinha muitas alfaces e eu vi um espantalho.

Pablo de Mello

Na horta tinha salsinha, cebolinha, trigo, milho, ervilha, alface, cenoura, rúcula, água, terra, adubo, sol, umidade e carinho.

Vitória

A horta do terceiro ano é muito linda e tem muitas plantas. A horta é bem cheirosa e tem coisas gostosas de comer.

Lucas

Ah como foi bom aquele dia em que atravessamos a floresta e chegamos na horta e foi tudo explicado. Do capim aos legumes, do espinafre ao milho e os espantalhos, ah estes eram muito engraçados.

Maria Antonia

A horta do terceiro ano é muito bonita e cheia de cores diferentes e o segundo ano aprendeu que não pode colocar muita água. Vimos muitas plantas também. Eu adorei a horta e gostei muito do trigo.

Pedro Bavaresco

Eu vi um trigo e girassol e um lindo espantalho.
E uma salsinha e uma cenoura e muito trabalho.
É muito lindo. Muito muito carinho.

Emil

Contribuição: professora Lucinha – 2º ano



..... O ESPAÇO É DELES

Aqui estão partes de algumas redações e comentários de alunos do 5º ano sobre as Olimpíadas Gregas, um dos pontos altos do currículo.

Giorgia:

Dia 30 de agosto, o 5º ano da Escola Anabá, Turmalina, Ita Wegman e Cora Coralina, tiveram as Olimpíadas Gregas de 2012. Nas Olimpíadas havia 6 grupos: Atenas, Corinto, Ítaca, Esparta, Maratona e Tebas. Havia também cinco modalidades de esportes: corrida, salto em distância, lançamento de dardos, luta e lançamento de disco.

Quando estava começando a escurecer nós voltamos para a escola. Lá estavam os pais que tinham feito uma decoração linda para o jantar grego que eles mesmos fizeram. Eu adorei o dia das Olimpíadas, foi muito legal!!

Arthur:

Lá, cada cidade-estado monta uma barraca com panos, galhos, cordas... e fazemos um lanche. Depois de um tempo, vamos para um anfiteatro onde há uma pira. Cada grupo coloca uma tocha ao redor da pira e volta ao seu lugar. Fazemos um juramento e falamos alguns versos.

Depois vamos para um lugar onde acontecerá a maratona. E é dada a largada! Corremos um pequeno trecho num bosque, mas logo saímos para a praia. As ondas batem em nossos pés que afundam na areia fofa; estamos cansados, mas não desistimos. Então avistamos ao longe uma bandeira e ganhamos novas forças. Damos a volta na bandeira e falamos a um professor nosso nome e cidade-estado e disparamos. A canseira vem de novo, o sol bate em nosso rosto, mas nem por isso desistimos. Então avistamos o bosque e a adrenalina toma conta de nossas veias novamente. Aceleramos gastando as últimas forças que nos restam e passamos a linha de chegada! (...)

Pedro Clausen:

Essas olimpíadas me fizeram ver como eram os esportes de antigamente e como era o verdadeiro espírito grego.

A abertura foi magnífica, os mais velhos colocaram a tocha da sua cidade-estado na tocha maior e assim começou as olimpíadas.

Eu amei essas olimpíadas, agora é treinar para acertar o coração do dragão!

Sofia Guarda:

O encerramento foi emocionante. A coroação foi muito legal. A gente foi os últimos a ganhar a coroa de louros. O nosso grupo foi o único que conquistou 3 provas e ficamos em primeiro lugar (eu sei que isso não existe para os professores). Depois da coroação a gente desmontou as barracas e fomos para o jantar Grego.

Eu achei as Olimpíadas Gregas muito divertidas, gostaria que tivesse no ano que vem só que, infelizmente, só tem uma vez, que é no 5º ano, isso é mau. Eu amei as Olimpíadas, eu acho que foi a coisa mais legal do 5ºano!

Mayra:

As Olimpíadas Gregas foram muito legais. Vieram para Florianópolis crianças de Curitiba e ficaram em nossas casas. Na minha casa ficou uma menina chamada Luana. Ela era muito divertida, engraçada e ótima em todas as provas das Olimpíadas. Éramos da mesma equipe o que foi muito bom, pois ficamos planejando algumas coisas na minha casa (isso quando ela não estava esmagando a minha cachorra).

Pedro Tonial:

As olimpíadas foram muito boas! Nos divertimos pra valer!

Adorei a ideia de trazer pessoas novas de outras escolas, principalmente os com necessidades especiais porque trouxe uma aventura para eles e uma oportunidade para nós convivermos com eles.

Construir a cabana foi muito divertido e todas ficaram bonitas. Depois fizemos uma união de caminhos e todas as cidades ficaram juntas.

Arthur:

Após as corridas de bigas voltamos para o anfiteatro. Lá, cada time sobe ao pódio enquanto o professor anuncia suas conquistas e destaques. Então somos coroados com coroas de louros. Os professores apagam as tochas ao redor da pira e declaram as Olimpíadas Gregas encerradas. Entramos no ônibus e voltamos para a escola. Lá comemos um jantar grego maravilhoso e depois voltamos para casa. Desabamos em nossas camas e dormimos imediatamente, pois foi um dia longo, cansativo e divertido do qual nos lembraremos até o fim de nossas vidas.

Contribuição: Ana Luiza - professora de classe 5º ano

ASTRONOMIA: O CÉU DA PRIMAVERA

Nos três últimos Colibris (São João/Inverno; Páscoa/Outono e Natal/Verão) descobrimos quais constelações aparecem no céu em cada estação do ano. Anualmente aparecem as novas constelações primeiramente na madrugada antes do amanhecer. Elas alcançam seu ponto alto na estação, quando culminam no norte por volta da meia noite. Neste caso são visíveis durante a noite inteira. Quando ao anoitecer avistamos uma constelação no poente, ela já está se despedindo para esta estação.

Bem característico no céu da Primavera é um quadrilátero de estrelas, não muito brilhantes, todas da constelação de Pégasus (Fig. 1). Já em setembro, no anoitecer, vemos Pégasus se levantar no horizonte leste. Por volta da meia noite culmina no céu ao norte e no início das noites de janeiro ainda o veremos no horizonte oeste, se despedindo. Pégasus é o cavalo alado da mitologia grega. As quatro estrelas mencionadas formam o seu tronco; abaixo dele algumas estrelas bem fraquinhas indicam as pernas e à esquerda a cabeça.

As duas estrelas inferiores do quadrado mais três estrelas à direita delas formam um suave arco voltado para baixo. As três estrelas da direita são da constelação de Andrômeda. Abaixo da estrela do meio de Andrômeda reconhecemos duas pequeninas estrelas: a cintura da princesa Andrômeda. Bem ali encontramos a conhecida Nebulosa de Andrômeda, uma galáxia que pode ser vista a olhos nus. Vale a pena uma olhadela com uma luneta!

Andrômeda é filha do rei Cefeu e da rainha Cassiopeia, e deveria ser sacrificada ao monstro marinho Cetus; por isso tinha sido acorrentada a um rochedo. Cassiopeia também é uma constelação, porém, pouco visível no hemisfério sul, pois para nós passa rente ao horizonte norte. Ela fica bem embaixo de Andrômeda. Perseu (outra constelação à direita e um pouco abaixo de Andrômeda – um pouco mais visível que Cassiopeia) salva a princesa petrificando o monstro com a cabeça da medusa.

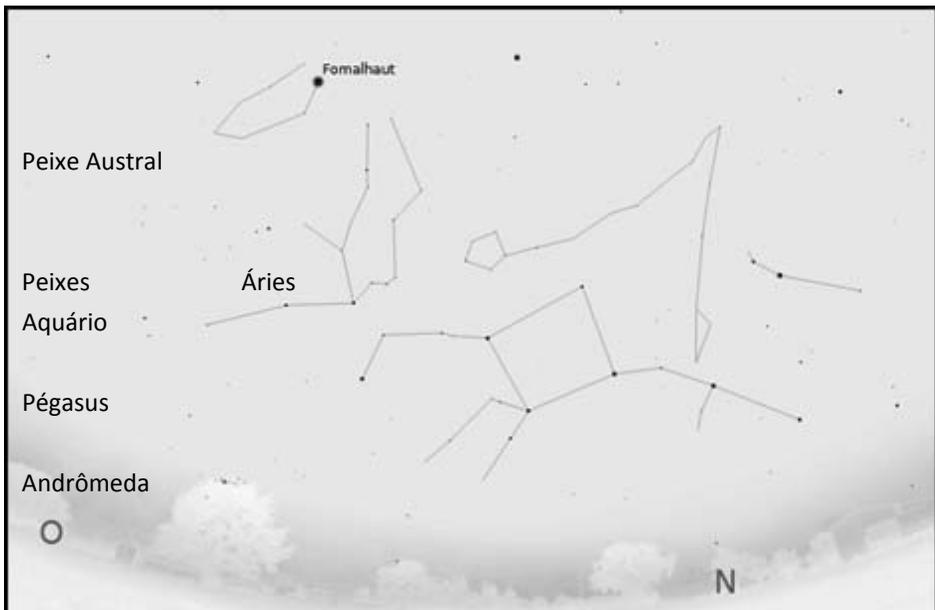


Fig.1: Pégasus e seu quadrado de estrelas característico: na época de Micael, perto da meia noite, a noroeste.

A primavera é a época certa para procurarmos as constelações de Aquário e Peixes. Aquário é uma enorme constelação, acima e à esquerda de Pégasus, porém muito difícil de ser descoberta. O melhor é procurarmos por uma fila horizontal de estrelas na forma da onda característica, que também é o símbolo desta constelação. Estão bem acima da cabeça de Pégasus e a distância entre elas vai crescendo da direita para a esquerda. As três mais próximas do lado direito são vistas como o jarro de água; as três outras à esquerda e mais distantes umas das outras são o braço esticado do ‘Homem da Água’, o Aquário. Uma bonita, brilhante estrela, “Fomalhaut”, é ao mesmo tempo o pé esquerdo de Aquário e o olho do ‘Peixe Austral’, outra constelação.

Os ‘Peixes’, acima e um pouco à direita de Pégasus, é composto de estrelas bem fraquinhas. Todavia, a figura deles é ainda maior que a do Aquário. Temos que imaginar os dois peixes unidos em suas caudas, o da direita tem a cabeça apontada para baixo, o outro para a direita na direção de Aquário (as estrelinhas deste são um pouco mais visíveis).

Agora já podemos encontrar o monstro marinho dominado por Perseu: Cetus, a Baleia, está bem acima dos peixes. Facilmente encontramos duas estrelas brilhantes, à direita de Fomalhaut. A primeira, um pouco acima, é Diphda, sua cauda; a outra, bem à direita e um pouco abaixo de Diphda é Menkar, a cabeça de Cetus.

*De: Walter Kraul, Erscheinungen am Sternenhimmel. Verlag Freies Geistesleben, Stuttgart, 2002
Tradução, adaptação ao hemisfério sul e inserções: Prof. José Irineu Zafalon*



..... DICAS DE LEITURA

A Comissão da Biblioteca João Guimarães Rosa informa as novas aquisições que se encontram disponíveis para empréstimos:

- Nas asas do mar – Ana Maria Machado
- Curvo ou reto – Ana Maria Machado
- Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado
- Maria Sapeba – Ana Maria Machado
- Folha – Stephen Michael King
- Casa de avó é gostoso que só! – Magali Queiroz
- Papai e mamãe viraram amigos – Maeve Vida
- De mãos dadas – Marta D. Martins
- Pequeno pode tudo – Pedro Bandeira
- O castelo nos Pirineus – Jostien Gaarder



..... HOMENAGEM

O professor Marcelo Letzow recebeu uma homenagem dos pais do 8º ano que é oferecida aqui, a toda comunidade do Anabá, como forma de reflexão e de agradecimento ao coletivo.

Prof. Marcelo!!!

O que seria possível ainda dizer a você diante de um inexorável fechamento de ciclo que nos impõe o tempo? Diante do teatro do oitavo ano não seria necessária nem uma palavra a mais! A marca da iniciação entregue em cada gesto, cada ato e entreato dessa amada turma, Professor Marcelo, foi a síntese perfeita dos movimentos e perfumes que ficaram incrustados na alma!

Não há palavras para expressar o que se leva no íntimo em termos de gratidão diante da sua calma e serena presença ao longo dos oito anos que esteve à frente da classe de nossos filhos. Oito anos que giram como um infinito de luz que se espalha nos valores despertados em cada um de seus pupilos. Valores que se tornaram fluidos e que são resultados de ações que não são medidas por régua ou compasso ou alguma calculadora, mas que se fizeram bordar ou transbordar nas muitas pinturas que aquelas crianças faziam e que invadiam as paredes da sala de aula, anônimas, misturadas na beleza de um coletivo que apagava a individualidade de um ego que não se manifestava no desejo separatista de uma assinatura. Fizemos... estamos todos ali espalhados nos diferentes céus, com distintas nuances.... e sempre foi isso que importou.... a alegria da expressão no traço do giz de cera de abelha, no colorido cujas formas representaram a vívida manifestação angélica das essências em formação.

Valores que sabíamos, desde o momento que vimos nossas crianças cruzar os arcos de flores, serem o prenúncio dos presentes a serem entregues em cada etapa daquelas pequenas grandes vivências. Em cada fase um dedilhar para além da circunstância e do momento; um conjunto de Vivências que transpassam a alma e são testadas nas provas de sabedoria, vigor, diligência e perfeição que a vida por ela mesma traz. E o baú de memória que cada criança, agora jovem, também está carregando como legado é uma

fortuna do inconsciente. É imprevisível e incomensurável o que cada um poderá fabricar a partir dessas memórias, eis aí a riqueza da experiência. Não são os condicionamentos gerados em muitas teias de ilusão que habilitam para a vida, mas a possibilidade da quebra dos mesmos, e para isso precisa entrar na caverna, lutar com o dragão, esculpir bichos de madeira, produzir cenários, cooperar nos dramas próprios e alheios, aprender a humildade e o silêncio interior.

Para habilitar para a vida... quantas fases! Dentes trocados, confidências partilhadas, letras se forjando no equilíbrio da ponta da caneta tinteiro, a moldura querendo escapar das margens entre o contorno certo mantido na voz do professor; “Cuidem da Moldura, gente! Moldura!”... Sim... moldura! Há o tempo da moldura ... é preciso aprender a circunscrever para aprender a voar... colocar em um ângulo de visão e de destaque as emoções e os desenhos, impressões armando a arquitetura do dentro para se tornarem belas fora... tantos desenhos belos!

Quantas coisas a lembrar... as esperas diárias na entrada na sala de aula e o cumprimento de bom dia, olho no olho de cada criança e elas ali, mantendo o olhar para o professor com uma concentração, uma compenetração, parece que embevecidas em busca dos próprios olhos espelhados na segurança dos olhos do professor que permanecia ali, como o guardião do templo interior... Que lindo espreitar aquela longa fila! Um por um, com o mesmo ritual revelador da sinergia da espera e do controle para superar a ânsia do “furinho na fila”, como eles diziam...

Bem... Nós, pais, temos também um baú de memórias... mas o texto precisa terminar, não porque já são mais de trinta linhas e a moldura vai escapar... mas porque também é preciso desapegar e aprender olhar o álbum da vida com a alegria de uma missão cumprida, cumprida!!! Muito bem cumprida!

Querido professor, que o universo te receba de braços abertos para os novos Seres que precisam passar pelo arco das flores e ter alguém como você lá, à espera delas, sereno e calmo como a Natureza. Receba neste instante o nosso carinho atemporal.

Mara Lúcia Masutti (mãe do 8º ano)



**BREVE COMENTÁRIO SOBRE
O PROCESSO DO TEATRO DO 8º ANO**

Mais uma vez o teatro do 8º ano se mostrou um campo de superação pessoal e aprendizado social.

Por ser um processo primordialmente de grupo, criou, como sempre, muitos espaços para o fazer para o outro e para a realização pessoal, que foram ocupados por professores, pais e alunos com sucesso. Talvez algumas coisas não tenham saído bem, mas numa avaliação geral não me vem nada relevante. O que vem mais forte é a alegria de novamente fazer parte de um processo tão rico e, principalmente a sensação, que sempre volta, de que esse teatro é uma espécie de “rito de passagem”, que inclui dor e sofrimento, mas dentro de um ambiente de muita humanidade e arte. Quando retornaram às aulas, deu para notar que os alunos já não eram os mesmos.

Parabéns para o 8º ano e para a escola!

Professor Sérgio Beck



ENCONTRO DE PAIS E MÃES DO 3º ANO

No dia 02 de setembro, nós, mães e pais do terceiro ano, nos reunimos no Sítio Çarakura juntamente com a psicóloga e aconselhadora biográfica, Marisa Clausen, para ouvir, falar e, principalmente, aprender sobre o processo de desenvolvimento de nossas crianças sob o enfoque da Antroposofia.

Tudo começou quando algumas mães expressaram a vontade de conversar mais entre si, de trocar mais informações sobre seus filhos e também conhecer melhor a atual fase de desenvolvimento das crianças, em especial o famoso “rubicão”. A professora Beatriz nos estimulou, deu algumas dicas e, depois que o assunto foi aprovado em uma das reuniões pedagógicas da turma, as organizadoras passaram a agir! Foi iniciada uma corrida contra o tempo, pois não havia muitas opções de data. Mas, de uma forma surpreendente, tudo foi se encaixando e acontecendo, inclusive a grande adesão dos pais e mães, condição básica para a realização do evento!

O domingo começou com tempo bom, as crianças animadas para conhecer o sítio e os pais felizes por terem um tempo para si. O pessoal do sítio organizou as atividades com as crianças, sob o olhar atento da professora Beatriz, para que pudéssemos nos concentrar nas palestras e trabalhos programados.

A Marisa trouxe conteúdos da biografia humana e dos contos de fadas e, de uma forma lúdica, os pais trabalharam com os 3 contos propostos, cada um relacionado a um dos três primeiros setênios. O trabalho com os contos teve direito à pintura com aquarela, afinal uma das mães da classe é terapeuta artística, e à participação especial das crianças. Foi um momento de descontração e diversão para todos.

Uma parte dos trabalhos foi feita em pequenos grupos, quando levantamos questões e dúvidas sobre nossas crianças, as quais foram relacionadas em palavras-chave. A Marisa nos ajudou então a reunir os conteúdos psicológicos e anímicos da biografia e dos contos de fadas com as questões e dúvidas levantadas inicialmente. Foi um trabalho muito rico!

O encontro preencheu totalmente as expectativas! Percebemos também que, a partir desse encontro, muitas possibilidades podem surgir. Há muito que aprender e trabalhar...

A professora Beatriz, emocionada, falou para nós que essa era a primeira iniciativa desse tipo vinda de pais do Anabá! Será que algo está mudando com a nossa geração de pais? Tomara... De nossa parte, esperamos que este encontro seja o primeiro de muitos outros!

Ao final da tarde, após um delicioso café colonial servido pelo pessoal do Çarakura, todos se despediram, e penso que não foram somente as crianças que ficaram com um gostinho de quero mais... Alguns pais certamente saíram dali pensando a mesma coisa: Quero mais!

Dariene, mãe da Luiza e do Tomás do 3º ano



I CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PAIS WALDORF

Entre 15 a 20 de julho de 2012, na escola Waldorf João Guimarães Rosa, em Ribeirão Preto-SP, aconteceu o I Congresso Ibero-Americano de Pais Waldorf, paralelamente ao XI Congresso Ibero-Americano de Pedagogia Waldorf.

O desejo de realizar esse congresso nasceu de um grupo de pais que participou do X Congresso Ibero-Americano de Pedagogia Waldorf, em Medellín, na Colômbia, em 2009. A partir daí, como sementes, foram realizados um encontro de pais das escolas da cidade de São Paulo e da Colômbia, em 2010, e outro de pais das escolas do estado de São Paulo, em 2011. Para o ano de 2012, foi almejado um encontro nacional, que acabou tornando-se ibero-americano, diante da possibilidade de ser acolhido pelo congresso de professores.

Nesse momento histórico, éramos um grupo de pouco mais de 30 pessoas, entre pais e avós, vindas do Chile, Peru, Argentina e Brasil.

Pela manhã, juntamente com todos os participantes do congresso de pedagogia, participávamos da atividade rítmica e das conferências apresentadas pelas escolas. A partir daí, o grupo de pais se reunia para as atividades específicas, como grupo de aprofundamento, oficinas de música, eurtímia e pintura.

Acompanhados pela ex-mãe Waldorf e terapeuta antroposófica, Marina Calache, aprofundamos nos conteúdos apresentados sobre a Nona Conferência, com vivências do pensar, sentir e querer.

Trocamos experiências sobre ser pai/mãe Waldorf e sobre os diferentes modelos de organização dos pais nas diversas escolas, com relato de experiências de representantes de classe e conselhos de pais. Ouvimos sobre a criação de escolas de pais como uma forma de desenvolverem habilidades que os ajudem na auto-educação e na educação dos filhos.

Com Ana Paula Cury, mãe da escola Rudolf Steiner, médica e diretora da Sociedade Antroposófica no Brasil, tivemos conferências sobre o “Caminho interior dos pais”. Refletimos sobre a compreensão do ser humano, nosso

processo de auto-educação e nossa tarefa de guardiões e apoiadores na realização do destino de nossos filhos por meio de quatro atitudes: proteger, acompanhar, confortar e curar.

Durante seis dias, apesar do frio incomum para a cidade de Ribeirão, nossos corações foram aquecidos pelo encontro tão rico entre pessoas que tinham um desejo em comum, a educação de nossos filhos (e netos) a partir do olhar da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf.

Terminamos com a canção “Gracias a la vida”, que surgiu espontaneamente como forma de expressão de tudo que vivemos nesse congresso.

Como fruto dessa vivência, iniciamos em agosto um grupo de estudos como impulso para a formação de uma Escola de Pais. O grupo iniciou com o estudo do livro “Pedagogia Waldorf” de Rudolf Lanz e acontece às segundas-feiras de 19h15 às 20h, na sala de trabalhos manuais da professora Cáthia. O grupo é aberto e novos pais são muito bem-vindos. Para a condução do estudo, contamos com o apoio da professora Beatriz Camorlinga e da psicóloga Marisa Clausen.

Cynthia Nagashima (mãe do 3º e 6º ano) e Patrícia Campos (mãe do 3º ano)



Outros dois momentos de encontro de pais da Anabá são a reunião mensal de pais da escola que acontece na última segunda-feira de cada mês, após o grupo de estudos, e o café da manhã entre pais que acontece na última sexta-feira do mês, às 7h15, nas mesas em frente ao bazar permanente.

..... **APOIO CULTURAL**

Para que o nosso *Colibri* possa ser lido por você e enviado para escolas Waldorf no Brasil e no mundo, as pessoas e entidades abaixo o apoiam financeiramente. A elas nosso muito obrigado.

..... **AUTOMÓVEL**
SENNА AUTO CENTER

Balanceamento, geometria, pneus, suspensão, freio, rodas, escapamentos e troca de óleo
Rua Lauro Linhares, 113 – Trindade
Telefone: (48) 3248-4934 – Jean

..... **AGENTE DE VIAGENS**
LUIСА SODRÉ – AGENTE DE VIAGENS

Passagens aéreas, hotéis, aluguel de carros.
Telefone/fax: 3365-8336 / 9101-8336
luisasodre@terra.com.br skype: *luisasodre 1*

..... **ALIMENTAÇÃO**
CANTINA DO DINDO

Venda de lanches e sucos na Escola Waldorf Anabá.
Encomenda de congelados salgados.
Telefone: 9953-0140 *cantinafamilia@hotmail.com*

CASA DO PEIXE – RESTAURANTE

Frutos do mar. Cardápio opcional para crianças.
Balneário São Miguel, em frente à Igreja de São Miguel - Biguaçu.
Telefone: (48) 3285-2361

CASARÃO – Empório natural

Empório e Padaria Orgânica certificada pela Ecocert. Integrante da Ecofeira da Lagoa.
Grande variedade de pães, bolos, integrais e orgânicos.
Av. Pequeno Príncipe, 1267, Campeche - Telefone: 3237-3077

FAMÍLIA LORENZI – Pães artesanais

Tradição italiana. Produção caseira, sem conservantes.
Rua Rui Barbosa, 256, Agronômica.
Telefone: 3228-0441

PÃO DE QUÊ? – Rafael Cogo

Feitos com ingredientes orgânicos e amor. Pães e bolos de diversos sabores, pão de queijo (e sem queijo) congelado. Vendas 3ª e 5ª no portão da Anabá e 4ª no Jardim.
Aceitamos encomendas pelos telefones: 3234-3241 / 9607-1503

VIA CAPPELLA FORNERIA

Pizzas, Lanches e Massas. Massa Semi-integral abertas com as mãos artesanalmente.
Ambiente e atendimento acolhedor.
Av Campeche, 1489 esq. com Rua da Capela - Campeche - Telefone: (48) 3237-3606

QUINTAL DA ILHA – Produtos Orgânicos

Toda linha de integrais. Produção própria de hortaliças e pães. Trabalho de Educação Ambiental. Rod. Admar Gonzaga, 980, Itacorubi.

Telefone: 3025-3420 quintaldailha@gmail.com

RIACHO DOCE'S

Mini-mousses, mini-tortas, canapés de bolo. Brigadeiros em taça - diversos sabores. Lembrancinhas para ocasiões especiais. Encomendas e orçamentos: Patrícia.

Telefone: 3209-0590 floripat@hotmail.com

..... ANIMAIS

ADESTRAMENTO - KATHIA POSSA

Zootecnista/Especialista em comportamento animal. Treinamento para problemas comportamentais, terapia com Florais de Bach, passeios, atendimento domiciliar.

Telefone: (48) 9619-9262 kathiapo@yahoo.com.br

..... BRINQUEDOS

BAZAR PERMANENTE DO ANABÁ

Brinquedos pedagógicos, livros infantis, livros da Ed. Antroposófica. Artesanato variado, material escolar em geral.

Telefone: 3232-7152, com Simone, pela manhã.

..... COMÉRCIO

ZUN ZUM – Moda Jovem

Rua Conselheiro Mafra, 328, Centro, Florianópolis.

Telefone: (48) 3028-2838

LÁPIS MÁGICO – Papelaria

Livros da Editora Antroposófica

Av. Pequeno Príncipe, 2120, loja 3, Campeche, Florianópolis

Telefone: (48) 3237-2148

..... ESCOLAS

CASA AMARELA – Jardim de Infância Waldorf

Rua Elpídeo da Rocha, 200, Rio Tavares, Florianópolis.

Telefone: 3237-4284

CASA AMETISTA - Espaço de convivência infantil

Proposta Waldorf para crianças de 18 meses a 6 anos.

Rua João Guimarães, 272, Santa Cecília, Porto Alegre - RS

Telefone: (51) 3023-2772 www.euritmiaviva.com/ametista.htm

JARDIM AMANAYÉ – Educação Infantil

Pedagogia Waldorf

Rua São Paulo, 107, Vargem Grande, Florianópolis

Telefone: (48) 3269-5775 jardimamanaye.blogspot.com.br

JARDIM DOS LIMÕES - Berçário, Maternal e Jardim de Infância

Fundamentado na Pedagogia Waldorf.

Rua das Cerejeiras, esq. com a Rua Flamboyant - Carvoeira – Florianópolis – SC
(48) 3333-5355 / 9957-7617 / 9944-1131 jardimdoslimoes@hotmail.com

RECREAÇÃO WALDORF

Um lugar onde seu filho(a) pode brincar, cantar, desenhar, ouvir histórias...

Com almoço e lanche, para crianças de 2 a 6 anos, no Jardim de Infância Anabá.

Maiores informações com Salete ou Patrícia, telefone: 3028-6147 (à tarde).

..... **FARMÁCIAS**

FARMÁCIA WELEDA – Similibus Homeopatia

Homeopatia e Antroposofia.

Rua Lauro Linhares, 1.849, loja 4.

Telefone: 3234-3692

..... **MEDICINA**

VIALI'SPA - Medicina e Terapias Antroposóficas

Rua da Macela, 80 (trav. da Rua Elpídio da Rocha), Rio Tavares, Florianópolis.

Telefone: 3338-2977 – Fax: 3338-4011

vialispa@gmail.com www.clinicavialis.com.br

Dra. MARISTELA FRANCENER

Medicina Antroposófica – Biografia Humana.

Rua Saldanha Marinho, 116, sala 1102 – 11º andar.

Telefone: 3225-0489 / 9903-3858

Dr. ROGÉRIO RODRIGUES RITA

Medicina Psicossomática e Ortomolecular.

Quiron Therapeuticum – Telefone: 3224-4829

Rua Coronel Lopes Vieira, 87 – Florianópolis – SC.

Dra. SÔNIA DE CASTRO S. THIAGO

Homeopatia – Clínica Geral.

Rua Dona Antônia Alves, nº101, Itaguaçu – Telefone: 3249-2101

..... **NUTRIÇÃO**

GRASIELA PÖPPER

Nutricionista clínica - Nutrição Funcional ampliada pela Antroposofia

Rua Saldanha Marinho, 116 - sala 1102 - Centro - Florianópolis - SC

(48) 9111-4234 grasiela.nutricionista@gmail.com

..... **ODONTOLOGIA**

ARTHEMISA - Clínica Estética Odontológica

Rua Pastor William R. S. Filho, nº 452, sala 204, Centro Comercial Via Norte, Itacorubi.

Telefone: 3334-5930

Dra. MARISA SALVADOR DOMINGUEZ

Odontologia da Família – Cirurgia-dentista / Odontopediatria.
Rua Dom Jaime Câmara, 179 - sala 1.201 - Centro - Florianópolis.
Telefone: 3224-1780

SOLANGE EZURE – Odontologia Antroposófica

Ortopedia Funcional - Ortodontia - ATM - Experiência Somática.
Rua Pastor William R. S. Filho, nº 452, sala 403, Centro Comercial Via Norte, Itacorubi.
Telefone: 3025-5425

..... **TERAPIAS**

ALEXANDRE ALMEIDA

Auto-desenvolvimento através da arte
Sagres e Travessa Lagoinha, 102, Rio Tavares
Telefone: (48) 3364-5587 / 9651-6669

ANA CLAUDIA J. ALLEOTI- Psicóloga (CRP 12/6139)

Abordagem Junguiana/análise de sonhos/ sandplay therapy
R: Francisco Goulart, 42 sl. 201-Trindade
Telefone: (48) 9113-311- *alleottiac@gmail.com*

ASSOCIAÇÃO ATENÁ – Centro de Transformação Pessoal e Artística

Terapia Artística – Bazar Waldorf - Grupos de Estudo - Meditação.
Rua Elpídeo da Rocha (com Rua da Macela), 144, Rio Tavares, Florianópolis.
Telefone: 3237-4231 / 8406-9331 *bazardascoresedossabores@gmail.com*

FRANCISCA CAVALCANTI – Musicoterapia - Cantoterapia (CMC 439.319-8)

Escola Desvendar da Voz - orientação antroposófica.
Clínica Vialis - Rio Tavares - Tel.: (48) 3338-2977
Consultório Trindade, Ed. Madison Center - Tel.: (48) 8811-0233

MARISA CLAUSEN VIEIRA – Psicóloga – Biografia Humana (CRP 12/00295)

Auto-desenvolvimento + Conversas de Ajuda em Processos de Mudança.
PÁRAMO - Rua Lauro Linhares, 2123, sala 113 - Trindade Center, Torre A.
Telefone: 3234-5069

SIMONE DE FÁVERI – Terapia Artística

Atelier Paulo Apóstolo.
Rua Hermínio Millis, 42, Bom Abrigo, Florianópolis.
Telefone: 3232-7152 (manhã) / 3249-8498 (tarde)

TAISA BOURGUIGNON

PEDAGOGIA – Pedagogia Terapêutica e Psicomotricidade
Rua Lauro Linhares, 2123, Trindade Center, torre A, sala 608.
Telefone: 3234-2747

TERAPIA ARTÍSTICA

Leda R. de Araújo
Telefone: (48) 9951-8361
Clínica Vialis e João Paulo

QUER NOS APOIAR?

Fale com Michelle Francini
Telefone: 8803-5818 *reikisantinho@hotmail.com*

colibri:

Ano XXII - Nº3 – Micael - 2012

*Boletim para a comunidade da Escola Waldorf Anabá,
de Florianópolis, e interessados na pedagogia Waldorf.*

Atividade sem fins lucrativos.

Este boletim financia-se unicamente com o apoio cultural e doações.

A distribuição é dirigida.

Sugestões e colaborações são sempre bem-vindas.

*Contatos na escola,
com Silvia (silvialcover@hotmail.com)
ou Patrícia (patica1@gmail.com)*

*Equipe desta edição: Cynara Muller, Michelle Francini V. Lorenzen, Patrícia Campos,
Silvia Alcover, Simone de Fáveri.*

*Quando necessário, nos reservamos o direito de corrigir pequenas falhas que
por ventura estejam presentes nos textos entregues para publicação neste boletim.*

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram nesta edição.



SUMÁRIO

Época de Micael	3
Co-criando escolas em parceria	7
A história do ipê amarelo	12
Uma horta que dá muito mais frutos do que se pode ver	14
O espaço é deles:	
A visita à horta do Grão Dourado	16
5º ano	21
Astronomia: o céu da primavera	23
Dicas de leitura	26
Homenagem	27
Relatos:	
Breve comentário sobre o processo do teatro do 8º ano	29
Encontro de pais e mães do 3º ano	30
I Congresso Ibero-americano de pais Waldorf	32
Apoio Cultural	34



ESCOLA WALDORF ANABÁ

Mantida pela Associação Pedagógica Micael

Rua William R. S. Filho, 841- Itacorubi

Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Fone: (48) 3334-1724 / 3334-6843 Fax: (48) 3334-2656

www.anaba.com.br